

ALVA



*Confederação Nacional dos
Caçadores Portugueses*

**Gastronomia da
caça em Portugal: a
tradição ainda é o
que era?**

⊕ **À descoberta do
concelho da Mealhada**

⊕ **Entrevista a Joaquim António
Faustino, presidente da
OESTECAÇA**

⊕ **Rui Pombo escreve sobre a
importância da caça para o
equilíbrio dos ecossistemas**



ESTAS SÃO AS FEDERAÇÕES FILIADAS NA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS CAÇADORES PORTUGUESES



Federação de Caçadores de Entre Douro e Minho
Presidente: Amâncio Afonso Mendes
Praça da Justiça, 166
4715-125 Braga
comercial@amanciomendes.mail.pt | 253 2690 00



Federação das Associações de Caçadores da 1ª Região Cinegética
Presidente: João Alves
Apartado 144
5340-342 Macedo de Cavaleiros
facirc@gmail.com | 278 426 368



Federação dos Clubes de Caça e Pesca do Distrito de Viseu
Presidente: Mário Antunes
R. Fernando Teixeira, Lote 1 – r/c – Esq.º - Abraveses
3515-156 Viseu
federacao.viseu@gmail.com | 232 452 021



Federação de Caça e Pesca da Beira Interior
Presidente: André Cid
Urbanização Quinta da Alampada, Lote 26 R/C Apartado 452
620o - 250 Covilhã
fcpbi@mail.telepac.pt | 275 315 402



Federação de Caça e Pesca da Beira Litoral
Presidente: Carlos Rodrigues
Rua da Sofia, 136 Edifício da Liga dos Combatentes
3000-389 Coimbra
fcpbeiralitoral@gmail.com | 916 298 503



FEDERCAÇA - Federação de Caçadores do Centro
Presidente: Avelino Ribeiro
Rua Principal, n.º 14 - Ranha de Baixo
3100-362 Pombal
federcaça@sapo.pt | 236 946 216



Federação das Zonas de Caça do Oeste - OESTECAÇA
Presidente: Joaquim António Faustino
Urbanização da Infesta, Rua das Acácias, Ed. OESTECAÇA
2560-375 Torres Vedras
fzcoeste@gmail.com | 918918369



Federação Alentejana de Caçadores
Presidente: José Lopes Bernardino
Rua D. Afonso Henriques, n.º 31
7800 – 049 Beja
info@fac.pt | 284323304



Federação de Caçadores do Algarve
Presidente: Vítor Palmilha
Praceta das Bernardas, N.º 4
8800 – 685 Tavira
geral@fcalgarve.pt | 281 326 469 / 912 250 057



04 EDITORIAL

06 OPINIÃO

Rui Pombo fala da importância da caça para o equilíbrio dos ecossistemas e como fator de desenvolvimento socioeconómico

10 REPORTAGEM

Diferentes perspetivas sobre o modo como se vive a gastronomia da caça em Portugal

19 ENTREVISTA

Joaquim António Faustino, presidente da OESTECAÇA, enumera os vários constrangimentos com que os caçadores se deparam, ao mesmo tempo que sublinha as vantagens inerentes à atividade

24 ROTEIROS

Além do bom vinho e do leitão, o município da Mealhada tem vários atrativos que o tornam um excelente ponto de paragem, tanto para quem ruma a sul como a norte

30 PASSOS POSITIVOS

A importância crescente da caça adaptativa

34 DIAS BONS

Novidades da 14.ª Feira da Caça de Mértola agradaram a visitantes e expositores

Martim Longo celebrou a caça em mais uma Feira da Perdiz

43 NOS PRÓXIMOS TEMPOS

Em 2024, a Feira de Caça, Pesca e Desenvolvimento Rural de Vilar Formoso vai ser dedicada à gastronomia

44 FEITO NOTÁVEL

Ricardo Colaço, Filipe Martins e Marco Reis conquistaram bronze para Portugal em competição mundial de tiro às hélices

46 NOUTROS TEMPOS

O Portugal da década de 50 aos olhos de Miguel Torga

48 COM MUITO SABOR

Desta vez, sugerimos três receitas: Pato no forno com marmelos, Perdiz frita e Coelho-bravo frito

A revista ALVA é propriedade da CNCP - Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses.

EQUIPA ALVA

Direção-geral: Vítor Palmilha | Produção: Malha - Comunicação | Direção de conteúdos: Paulo Dias | Edição e redação: Lélia Madeira | Colaboração: Eduardo Valente, Leonor Rodrigues | Design e paginação: Bárbara Martins | Direção comercial: João Silva

CONTACTOS

alvarevista@malha.pt | 968 339 215 | 966 945 504 | 961 891 140

Fotos cedidas por: Município de Mealhada, Município de Mértola, Município de Alcoutim, Município de Almeida, Mário Cerdeira, Restaurante Mato à Vista, Restaurante Mercearia do Fanqueiro



VÍTOR PALMILHA

Presidente da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses

O ano de 2023 foi extremamente difícil para os caçadores. Nunca é demais recordar o nosso papel enquanto verdadeiros guardiões da natureza e dinamizadores das economias locais.

São os caçadores que asseguram a gestão de uma parte significativa do nosso território, contribuindo ativamente para a sustentabilidade dos solos e para a melhoria do ambiente. Com a sua ação, têm um papel ativo na prevenção e diminuição de incêndios, muito devido à vigilância e desmatações efetuadas em grande parte do território.

De igual forma, a dimensão económica do setor deve ser permanentemente salientada. São os caçadores que dinamizam muita da economia de uma parte importantíssima do território, nomeadamente do seu interior.

Mas a verdade é que, muitas vezes, sentimos que este papel é esquecido pelo poder central. E ainda que sintamos por parte dos municípios que nos acolhem, um apoio importante para a atividade da caça, o certo é que há questões que dependem de um olhar mais atento e de uma ação mais célere por parte do Governo e das respetivas instâncias.

O ano de 2024 está à porta e um novo governo sairá de eleições em março. Até lá, haverá, com certeza, várias ações de campanha com vista à criação de novos programas governativos. Nós, na Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses,

estamos preparados para dar o nosso contributo.

É necessário que se desenvolva um conjunto de ações integradas de apoio às espécies cinegéticas. A seca que assolou o nosso país deixou marcas profundas no território e condicionou o normal desenvolvimento de várias espécies como as lebres, os coelhos e as perdizes bravas. Nesse sentido, urge implementar um conjunto de centros de recuperação da lebre e do coelho, espécies que estão altamente ameaçadas em todo o país.

Num ano de seca, em que as espécies não se reproduziram e em que o número de peças de caça foi bastante inferior ao desejável, era fundamental que o Programa de Apoio ao Desenvolvimento e Gestão das Zonas de Caça tivesse sido concretizado. Estamos no final de 2023 e esse mesmo apoio não passou de promessas.

Ainda no domínio da gestão das espécies, quero referi-me ao lince, uma bandeira para o Estado, mas cuja preservação está praticamente a cargo dos caçadores. Nós também queremos os lincos e desenvolvemos trabalho fundamental na sua recuperação. Mas entendemos que o Estado deve ter um papel mais atuante nesta área, apoiando as zonas de caça que lidam com a presença do animal.

No plano fiscal, consideramos fundamental que se pondere a abolição da taxa exigida às zonas de caça. São territórios onde o Estado

não tem qualquer intervenção, a não ser a obtenção de receita.

Ainda neste domínio, é urgente uma revisão dos critérios ligados aos diferentes mecanismos de apoio que venham a substituir o PDR 2020. São vários os constrangimentos que interferiram nos subsídios atribuídos, impedindo aqueles que pretendiam atuar nos seus terrenos, de o fazer com recurso a esses mesmos apoios. Este programa não reconheceu a realidade dos territórios rurais e descreminou muitos dos que têm características idênticas, impedindo-os de concorrer aos apoios do Estado. Este critério cego e injusto deve ser revisto no futuro.

São exemplos de algumas matérias que merecem a atenção dos futuros governantes e que, tratados de forma conjugada, em muito podem beneficiar o setor e, com isso, todo o mundo rural.

A Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses assume-se como um parceiro ativo e dialogante, mas será sempre uma voz audível, incómoda, se necessário, para que se dê a importância merecida à caça.

Estamos certos de que, com um espírito construtivo e proativo, trabalhando em união, procurando soluções de forma consertada, conseguiremos atingir os nossos propósitos.

Em nome da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses, partilho votos de um Santo e Feliz Natal e de um Próspero Ano de 2024.





RUI POMBO

Diretor Regional de Conservação da Natureza e das Florestas de Lisboa e Vale do Tejo do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas

A importância da caça para o equilíbrio dos ecossistemas e como fator de desenvolvimento socio-económico

A atividade cinegética promove o contacto com a natureza, não só pelos ambientes onde se desenvolve, mas também pela necessidade do conhecimento da biologia e do comportamento das espécies que se caçam e das que se devem proteger, como ainda dos animais auxiliares do caçador.

Trata-se de uma atividade que apresenta uma importante componente desportiva e lúdica e que se desenvolve predominantemente em ambiente rural e promove o seu conhecimento bem como das populações que o habitam, das suas carências e das suas potencialidades.

Indiretamente, a atividade venatória pode ainda contribuir para a conservação de espécies com estatuto de conservação desfavorável, tais como o lobo, o lince e as aves de rapina, ao aumentar as possíveis espécies-presa, através das medidas de ordenamento e melhoria do habitat, bem como de eventuais ações de repovoamento.

Sendo uma atividade que promove a aquisição de equipamentos

específicos, a criação e utilização de animais auxiliares (com a consequente necessidade de os alimentar e de os cuidar), a deslocação para os terrenos de caça (automóveis, combustíveis), o arrendamento/contratação de terrenos para a instalação de zonas de caça, a melhoria de acessos e a instalação de infraestruturas, para além da utilização de estruturas turísticas (hotéis, pensões, restaurantes) e a compra de produtos locais, promove o desenvolvimento económico e a melhoria da economia rural.

Paralelamente, o ordenamento cinegético e a gestão do território pressupõem a realização de investimentos de melhoria do habitat tais como instalação de campos de alimentação, comedouros, bebedouros, cercas, limpezas de matos, etc., com vista a fomentar os efetivos das populações cinegéticas, sendo que, também estas ações, contribuem igualmente para a promoção e manutenção do património natural, da biodiversidade, para a conservação da natureza e bem como a dinamização da economia local.

O movimento associativo dos caçadores que em muito contribuiu para levar cidadãos para as zonas do interior e mais desfavorecidas poderá ser considerado um caso de sucesso no nosso país. Atualmente, existem mais de 2 500 clubes e associações de caçadores, na maioria gestores de zonas de caça associativas, congregando, estas últimas, mais de 100 000 (associados). Também aqui, o número de caçadores que praticam anualmente o ato cinegético é inferior ao total de associados: só cerca de 75% se licenciaram nas últimas épocas venatórias.

O incremento do número de caçadores associados seria desejável, como forma de minimizar os custos inerentes a esta forma de organização e de motivar os caçadores para a prática mais regular do exercício da atividade. Não obstante, constata-se alguma resistência na entrada de novos associados, com consequências na criação de novas associações e ZCA.

A maioria dos caçadores está associado a uma só ZCA (cerca de 66%), contudo, uma percentagem significativa (cerca de 23%) integra 2 ZCA e apenas 3,5% dos caçadores se encontram associados em 4 ou mais ZCA.

O sector encontra-se ainda bem estruturado em termos de organização do associativismo, com organizações de cúpula com alguma capacidade de apoio técnico e de aconselhamento aos associados, bem como de formação dos caçadores.

Importa reconhecer que do facto quase todo o espaço rural português estar mais ou menos transformado, fruto da ocupação humana, levando essa ocupação a uma alteração da paisagem mais ou menos vincada e muitas vezes com efeitos impactantes no equilíbrio dos ecossistemas ou, fruto do posterior abandono desses territórios pelo homem, potenciando a ocorrência de grandes incêndios.

Tais factos levam a desequilíbrios biológicos favorecendo umas espécies em detrimento de outras, sendo que no caso particular das espécies cinegéticas tais desequilíbrios sem dúvida alguma favorecem a presença de espécies de caça maior em detrimento da presença de espécies de caça menor.

A abundância de superpredadores (predadores de topo) em Portugal é diminuta, sendo que o número de lobos ibéricos, de lince ou mesmo de rapinas de grande porte não é suficiente para o controlo de predadores generalistas (raposas e saca rabos, entre muitos outros)

contribuindo assim para um desequilíbrio das cadeias tróficas.

Por outro lado, e fruto da ausência de predadores, é por demais conhecido a grande abundância ou o crescimento mais ou menos descontrolado das espécies de caça maior, nomeadamente do javali na generalidade do território, abundância essa conducente a um aumento significativo dos prejuízos existentes, sejam eles agrícolas, florestais ou mesmo materiais (por exemplo, uma tendência crescente de acidentes rodoviários).

Está cientificamente provado que nas poucas áreas em Portugal onde existe lince o número de predadores generalistas diminui drasticamente, contribuindo de forma inequívoca não só para um aumento do coelho bravo, em particular, mas, também, de outras espécies, uma vez que a pressão predadora das raposas e saca rabos pelo seu número mais reduzido nestas áreas diminui drasticamente fruto do controlo que o lince exerce nestas espécies.





O sector tem um papel decisivo na conservação dos recursos faunísticos e no fomento da biodiversidade, no entanto, a sua imagem em certas franjas da população é negativa, sendo por isso desejável o desenvolvimento de atividades que possam contrariar este aspeto.

Assim, iniciativas de recolha de cartuchos vazios e de resíduos que se encontram espalhados no meio rural (iniciativas já levadas a cabo por algumas organizações) devem ser implementadas e tornadas públicas.

Também ações de sensibilização junto de vários públicos-alvo, tanto de educação ambiental, ecológica, como da própria atividade cinegética, devem ser promovidas com alguma regularidade.

A vigilância que os caçadores fazem nos territórios rurais contribui

também em muito para a deteção precoce dos incêndios rurais, diminuindo a probabilidade da ocorrência de grandes incêndios e dos desequilíbrios naturais associados aos mesmos.

Por último e não menos importante, a atividade cinegética potencia a

presença humana nos territórios rurais, contrariando a desertificação dos territórios interiores e o abandono dos territórios rurais com todas as vantagens a isso inerente, seja a nível económico, seja pelo efeito mais ou menos direto que tal presença humana exerce na manutenção de uma paisagem diversificada, ordenada e "tratada".



A caça tem assim um papel fundamental:

- ⊕ No reequilíbrio das cadeias tróficas desequilibradas, sendo por esta via eliminados os predadores generalistas em excesso, potenciando o equilíbrio dos ecossistemas e a presença de espécies presa
- ⊕ No benefício de muitas espécies silvestres pelo efeito direto do fornecimento de alimento e água em épocas de carência
- ⊕ No controlo das espécies de caça maior prevenindo ou minimizando os prejuízos e desequilíbrios que estas espécies causam
- ⊕ Na minimização da probabilidade da ocorrência de grandes incêndios rurais
- ⊕ Na “conservação” de uma paisagem ordenada e diversificada fruto da manutenção da presença humana nos territórios rurais

Acresce ainda referir que caça e sustentabilidade são temas cada vez mais interligados e objetivamente dependentes, sendo que “Os recursos cinegéticos constituem um património natural renovável, suscetível de uma gestão otimizada e de um uso racional, conducentes a uma produção sustentada, no respeito pelos princípios da conservação da natureza e dos equilíbrios biológicos, em harmonia com as restantes formas de exploração da terra (...) assim, O ordenamento dos recursos cinegéticos deve obedecer aos princípios da sustentabilidade e da conservação da diversidade biológica

e genética, no respeito pelas normas nacionais ou internacionais que a eles se apliquem”.

Nestes termos, para efeitos de garantir a exploração dos recursos cinegéticos de uma forma sustentável, é cada vez mais fundamental conhecer a estrutura e dinâmica das populações existentes em cada uma das zonas de caça, que, embora sejam estudos e amostragens com algum grau de complexidade e onerosas, é reconhecidamente essencial para a determinação da estratégia de gestão do território e dos efetivos cinegéticos.



Da serenidade dos campos para o lume brando das cozinhas

Apesar de serem cada vez menos, ainda há restaurantes em Portugal que apostam em pratos de caça, contrariando as mudanças dos tempos e das vontades.

O nome deixa logo antever o ambiente que podemos esperar. No entanto, o restaurante 'Mato à Vista' é muito mais do que os nossos olhos alcançam. Ali todos os sentidos ficam 'em sentido', completamente despertos. O que fica mais desassossegado é, sem dúvida, o paladar.

Entre as iguarias mais pedidas pelos clientes estão as bochechas de javali, mas a perdiz e o coelho fritos não ficam muito atrás.

Situado em Paderne, no interior do concelho de Albufeira, o restaurante 'Mato à Vista' foi criado há 41 anos por Belmiro Cordeiro "para dar apoio a um grupo de caçadores que caçava na zona", conta o filho Tiago à revista ALVA.

O atual gerente do estabelecimento diz que já não são apenas procurados por caçadores. "Temos um público muito vasto", entre estrangeiros e portugueses, especialmente "pessoas que querem desfrutar de momentos que lhes façam lembrar a comida dos avós", até porque "não é fácil encontrar restaurantes que tenham este tipo de pratos".



Essa dificuldade pode estar relacionada com o facto de "este tipo de cozinha não se aprender nas escolas de hotelaria". Tiago Cordeiro nota que "os alunos das escolas de hotelaria não vêm preparados para cozinhar este tipo de pratos". Contudo, "aprendem facilmente o conhecimento que lhes transmitimos", reconhece.

A ligação de Tiago Cordeiro à caça não se restringe à vertente gastronómica. Desde os 16 anos que Tiago é caçador. O gosto por caçar foi-lhe passado pelo pai, pelo avô e pelos tios. Hoje em dia, não caça tanto, devido às exigências da sua profissão.

Quem sai aos seus

Também Vítor Palmilha é filho e neto de caçadores. Após um período sem caçar com a frequência que desejava, voltou a fazê-lo, recentemente, porque tem “uma equipa fantástica, que me deixa ir à caça cinco ou seis vezes por ano.”

Vítor refere-se à equipa do seu restaurante Mercearia do Fanqueiro, onde também é chefe de cozinha.

Tal como a caça, também a culinária é uma paixão de família. “Tanto a minha mãe como o meu pai cozinham extraordinariamente bem”, elogia. “Costumo dizer que, se cozinhasse metade do que a minha mãe cozinha, seria um chefe de renome mundial. O meu pai faz muitos petiscos, marisco e comida de paciência, em que está ali uma hora a olhar para a comida”. Para Vítor, o melhor coelho frito do mundo é feito pelo seu pai. “Ainda não consegui igualar”, refere.

Mas na sua família cozinhavam-se outros pratos de caça que também não lhe saem da memória. São eles: “perdiz à Convento de Alcântara, canja de pombo ou rola, ou do javali e gamo estufados”.

Uma das receitas que pode ser degustada no seu restaurante em Santo Antão do Tojal é o coelho frito, que tem um toque diferente da do seu pai - o whisky. Porém, só está disponível na época do coelho.

No restaurante Mercearia do Fanqueiro, cozinha-se “menos caça maior do que gostaríamos”, lamenta. Isto “porque só há pouco tempo é que há em Portugal uma empresa que trata da caça e que a embala devidamente”.



Vítor Palmilha considera que “faz muita falta um empreendimento por parte do estado português, em que a caça seja efetivamente possível de consumir nos nossos restaurantes, de forma legal, que seja devidamente tratada na origem. Este é o maior desafio em termos de caça maior, porque a caça menor, infelizmente, não tem os efetivos que todos gostaríamos que tivesse”.

“Em termos comerciais, o estado português devia acarinhar mais a caça selvagem. É a carne mais saudável que existe no mundo, não tem antibióticos, não tem farinhas”, sublinha.

E o sabor? É essencialmente o sabor que torna este tipo de produto tão atrativo para quem confeciona e para quem prova. Mas, neste caso, é sabor no plural.

“A culinária da caça tem muito que ver com as nossas tradições e com as regiões do país”. Até na mesma região há variações. “Uma perdiz caçada em Serpa tem um sabor diferente da que é caçada em Mértola e não podemos confecionar da mesma forma”, exemplifica Vítor Palmilha. “Portanto, temos de saber com que produto estamos a trabalhar e respeitá-lo”, realça o chefe de cozinha.

Um livro essencial

“Ajudar o cozinheiro a perceber melhor as peças que vai cozinhar e o caçador a fazer um melhor aproveitamento destas na cozinha” é precisamente um dos objetivos do livro ‘A Caça em Portugal - Sustentabilidade e Gastronomia’, escrito por Fátima Moura e editado pelos CTT.

Outro dos propósitos é que tanto o cozinheiro como o caçador “possam valorizar e respeitar a morte do animal, através do seu aproveitamento integral, e da alegria que pode dar-nos à mesa”.

A ideia desta publicação “surgiu de várias conversas com Fernando Seixas que achava que fazia falta um livro deste género que desse uma perspetiva da história e da gastronomia da caça em Portugal”, explica a autora à revista ALVA.

Fernando Seixas foi um dos caçadores que, a par de Nuno Sebastião e de João Bugalho, contribuíram para que este projeto se concretizasse.

“Sem os caçadores este livro não teria sido possível e o seu apoio foi essencial”, enaltece Fátima.

A escritora deparou-se, no entanto, com alguns desafios. Desde logo, o facto de a caça ser uma “atividade que hoje em dia é pesadamente contestada pelas tribos do politicamente correto. Porém, o verdadeiro desafio foi provar que se pode fazer um livro sobre caça focado nas espécies com sustentabilidade ambiental”.

Para o efeito, os CTT fizeram uma parceria com o Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas, “para que nos pudessem apoiar na escolha das dez espécies de caça com sustentabilidade ambiental que vieram a constituir a espinha dorsal do livro”. A saber: galinhola,

narceja, perdiz, pato, pombo, tordo, coelho, lebre, javali e veado.

Além de uma descrição das características morfológicas, do habitat e da alimentação de cada uma, são apresentados alguns apontamentos de caça, notas sobre o seu uso na cozinha, bem como confeções tradicionais e originais.

Fátima convidou dois amigos a tratarem das receitas: Paulo Mendonça, chefe do restaurante Beira-Mar, de Cascais; e Filipe Ramalho, chefe do restaurante Páteo Real, de Alter do Chão.

Com fotografias tiradas por Mário Cerdeira e gravuras desenhadas por José Projeto, o livro ‘A Caça em Portugal - Sustentabilidade e Gastronomia’ tem, ainda, a particularidade de incluir uma coleção de selos. Assim, é uma obra que agrada igualmente a quem se dedica à filatelia.



Como valorizar mais a gastronomia da caça?

Fátima considera que a gastronomia da caça “já foi muito mais” valorizada em Portugal. “Hoje em dia, são poucos os restaurantes com pratos de caça na sua época. A caça é uma comida sazonal e que deveria ser valorizada por essa mesma razão, numa época em que a cozinha sazonal se tornou moda”.

A investigadora defende que “deveria ser sempre referida a origem da caça, isso seria uma forma de valorização. É também importante que o fine dining valorize os pratos de caça em Portugal, o que raramente acontece”.



Perfil

Fátima Moura nasceu em Angola, onde viveu quase toda a sua juventude. Os pratos que a mãe cozinhava eram à base de peixe e marisco. O seu pai não caçava e o contacto que, na altura, teve com a caça era através das visitas frequentes a fazendas de amigos da família, em que se ia caçar e se cozinhava a caça. Hoje em dia, gosta de ir a restaurantes de caça e, por vezes, comer em casa de amigos caçadores.

Escritora na área da gastronomia e com vários livros editados, o trabalho de Fátima incide sobretudo na investigação dos produtos portugueses. Com os CTT já tinha editado alguns livros, nomeadamente ‘Conversas de Café’, ‘Do Cacau ao Chocolate’ e ‘Sabores do Ar e do Fogo’. Escreve também para revistas e para o seu blogue ‘[Conversas à Mesa](#)’.

Onde saborear comida de caça em Portugal?

Dos ensopados, às canjas, passando pelas empadas e os arrozes, as iguarias com carne de caça são das mais variadas e podem ser apreciadas de norte a sul do país. Conheça nove restaurantes onde é possível provar estes pratos.



O Javali, Bragança

Empada de perdiz
Arroz de javali

Oficina, Porto

Perdiz de escabeche
Javali estufado no pote

Clube de Caçadores, Viseu

Alheira de caça com grelos
Bifinhos de veado



Casa de São Lourenço, Manteigas

Arroz caldoso de costelas de javali
Arroz de lebre com mísscaros

Tombalobos, Portalegre

Arroz de perdiz com ostras
Lebre com feijão-branco

Mercearia do Fanqueiro, Santo Antão do Tojal

Coelho-bravo frito
Perdiz cerejada

O Fialho, Évora

Arroz de pombo
Perdiz à Convento da Cartuxa



Zé Varunca, Paço de Arcos

Canja de pombo-bravo
Lebre com feijão e repolho

Mato à Vista, Albufeira

Bochechas de javali
Perdiz do mato frita

Nota: Algumas destas especialidades não são servidas todo o ano. Por isso, recomenda-se que se informe acerca da disponibilidade de cada uma, junto do respetivo restaurante.





“A região Oeste tem locais maravilhosos para a prática da caça, que, aliados à gastronomia local, são um incentivo para os caçadores esquecerem as agruras do labor diário”.

Joaquim António Faustino

Nesta entrevista, Joaquim António Faustino, presidente da OESTECAÇA, enumera os vários constrangimentos com que os caçadores se deparam hoje em dia, mas sem deixar de sublinhar as vantagens inerentes à atividade.

A Federação das Zonas de Caça do Oeste foi constituída em 1997. Quão importante foi a criação deste organismo para o desenvolvimento da atividade cinegética desta região?

A criação da OESTECAÇA foi essencial para a atividade cinegética da região Oeste e Área Metropolitana de Lisboa e Vale do Tejo, bem como para apoio às Associações e Clubes de Caçadores, que foram confrontados com a determinação do Acórdão do Tribunal Constitucional, ao considerar todas as zonas concessionadas inconstitucionais, por não terem sido elaboradas com base em acordo prévio entre os proprietários e as associações e clubes de caçadores, relativos aos prédios rústicos a integrar na sua área, para a exploração cinegética e para o exercício da caça.

No seu entender, quais as mudanças mais positivas ocorridas nestes 26 anos?

De facto, houve grandes mudanças no setor da caça para melhor e com relevantes benefícios, nomeadamente na organização dos caçadores, fomento do seu associativismo, no ordenamento do terreno cinegético em zonas de caça. A promoção de execução das boas práticas cinegéticas exercidas

pelos caçadores foram relevantes e essenciais para o seu controlo e desenvolvimento da própria caça.

Desde sempre e, ainda hoje, a OESTECAÇA rege-se por princípios cujo objetivo é auxiliar e cooperar na gestão das zonas de caça da região Oeste, orientar os seus filiados, defender interesses conjugados de caçadores, proprietários e agricultores, compatibilizando as atividades agrícolas, para não se debilitar o habitat adequado para o desenvolvimento das espécies cinegéticas. Preservar o ambiente, a natureza, a fauna e flora. Dedicar especial atenção à ética no ato venatório para que todos considerem o exercício da caça uma atividade lúdica.

A área de atuação da OESTECAÇA abrange apenas a região Oeste, e, legitimamente, é a digna representante dos caçadores desta região. Defende intransigentemente a representatividade regional de cada federação, discordando com asseveração de quem não cumpre com tal princípio.

Têm quantos clubes associados?

Presentemente, a OESTECAÇA tem no seu seio oitenta e cinco Associações e Clubes de Caçadores filiados, que, no princípio da primeira década de associativismo, possuíam

uma totalidade de 23 mil caçadores associados.

Entretanto, devido a variadíssimos fatores e causas comprometedoras, presentemente, tais quantitativos encontram-se reduzidos em cerca de 50%. Isso deve-se, em particular, às epizootias causadoras da redução drástica das espécies cinegéticas, nomeadamente o coelho-bravo e a lebre.

Deve-se também à redução de candidatos ao exame de carta de caçador que, há cerca de 15 anos, eram cerca de 4 mil só no distrito de Lisboa, e, na atualidade, os números não chegam aos 500 candidatos por ano.

Os jovens de hoje têm outras solicitações e estímulos. Não se sujeitam às necessárias exigências para se fazerem caçadores, preferem frequentar discotecas, porque, para eles, torna-se mais atrativo estar uma noite inteira a dançar e a beber uns copos. Deitam-se à hora em que os caçadores se dirigem para o campo, para mais uma jornada de caça e contacto com a natureza que tanto admiram e preservam.

Os menos jovens cada vez estão mais velhos e saturados das constantes exigências documentais para o exercício da caça, e, com o agrave da diminuição da caça, acabam por desistir da atividade.

Quais as principais vantagens de ser associado da OESTEÇAÇA?

Essencialmente, é terem sempre ao seu dispor uma Federação que os apoia em todas as carências de execução, na gestão adequada às necessidades das zonas de caça, que vise a sustentabilidade dos recursos, quer cinegéticos compatíveis com o meio, quer administrativos relativamente a receitas e despesas.

Outra vantagem é terem informação jurídica e apoio sempre que necessário, é terem durante 24 horas um contacto de telemóvel disponível para lhes proporcionar informação, é terem periodicamente visitas de auxílio, execução de processos de concessão, renovações, campos de treino de caça e outros de carácter técnico, económico, social ou recreativo.

Para os caçadores que não conhecem o vosso território, de que forma o descreveria? Quais são as suas principais potencialidades para a prática da caça?

O Oeste possui um património e potencial rico em espécies cinegéticas, mas a contínua redução do terreno cinegético, resultante do crescimento do parque habitacional que aumenta todos os anos, provoca constrangimentos de elevada relevância.

A área urbana, a agricultura intensiva, a proliferação de estufas, áreas de criação animal, zonas comerciais e industriais e outras, que, aliadas às áreas de proteção obrigatórias por Lei, têm efeitos negativos para a atividade da caça. E tornando-se cada vez mais abundantes as moradias e vivendas

isoladas, de ocupação de fim de semana, pelos anticaça, os problemas agravam-se mais, porque, ao verem um caçador a 500 metros, telefonam logo para as autoridades, dizendo que os caçadores estão aos tiros perto de casa.

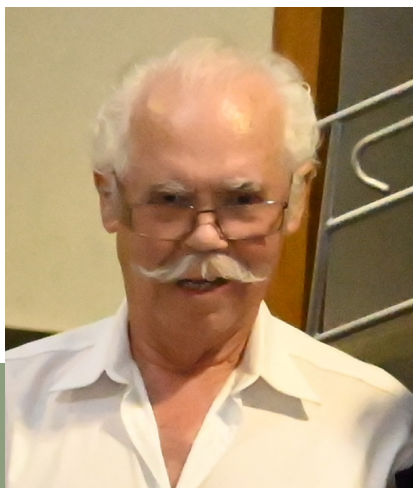
Além dos constrangimentos mencionados, há outros fatores que prejudicam - e muito - a atividade venatória. Todavia, nem tudo é péssimo. A região Oeste ainda tem locais maravilhosos para a prática da caça, sendo exercidas jornadas de caça de qualidade, que, aliadas à gastronomia local, são um incentivo para os caçadores esquecerem as agruras do labor diário.

O caçador que necessita de olvidar as tristezas da vida, que venha até ao Oeste desfrutar da sua beleza natural e cinegética!

A OESTEÇAÇA vai organizar algum evento ou estar representada em alguns eventos nos próximos meses? Se sim, qual ou quais?

A OESTEÇAÇA realiza anualmente o Campeonato de Santo Huberto, a nível da região do Oeste e a nível nacional com a Confederação Nacional de Caçadores Portugueses. Realiza o Troféu Oesteçaça por equipas; participa ativamente em colóquios, palestras, jornadas cinegéticas e feiras de caça, a nível nacional.

Organiza e participa igualmente nas jornadas de limpeza efetuadas pelos caçadores, a caça ao lixo, no âmbito dos protocolos com autarquias do Oeste.



Nota biográfica

Joaquim António Faustino

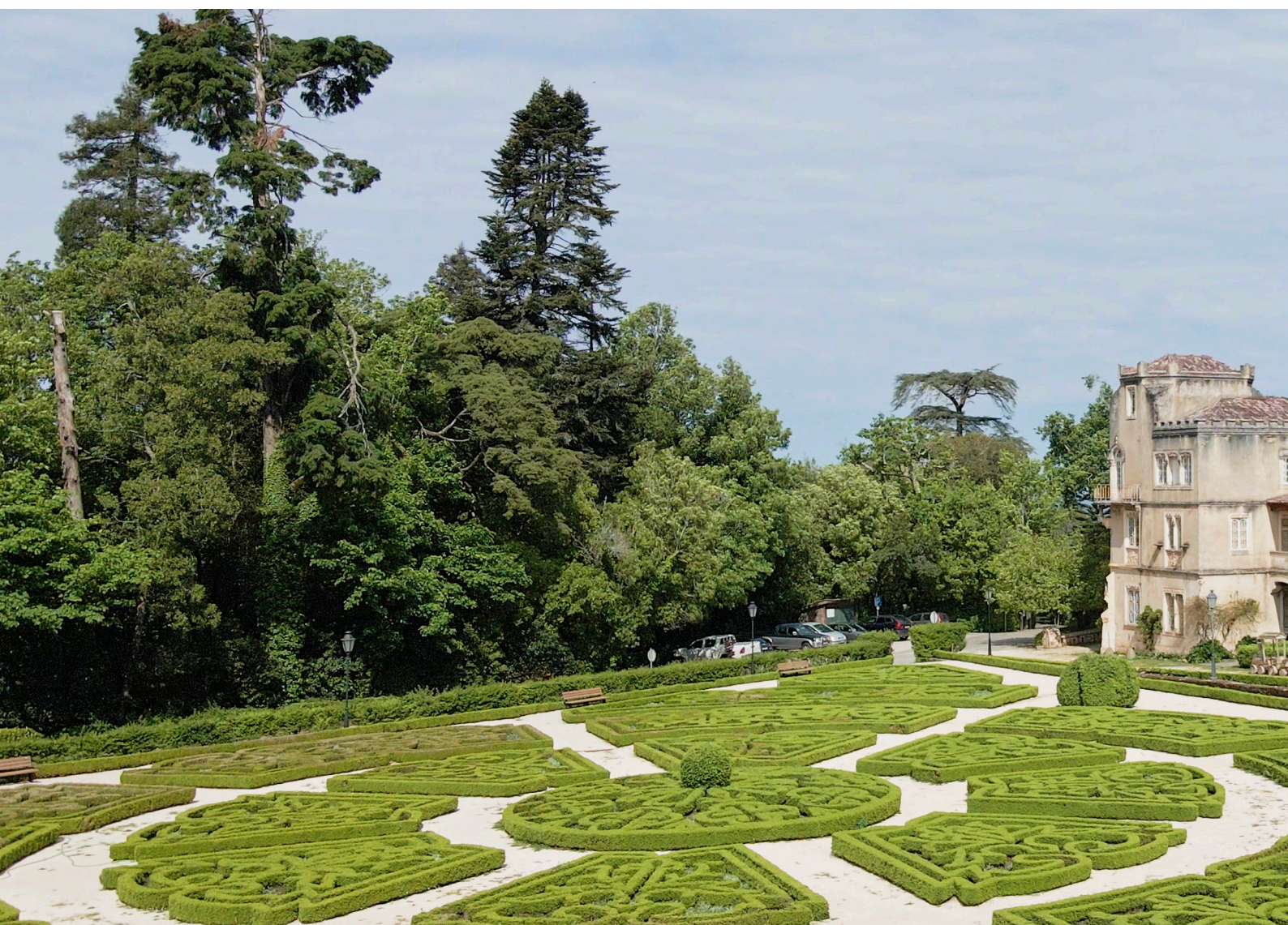
Joaquim António Faustino é presidente da OESTECAÇA - Federação das Zonas de Caça do Oeste há mais de 26 anos, fazendo-o por gosto e carolice.

Iniciou as atividades de caráter venatório aos oito anos, como Secretário Mochileiro do seu pai. Nesse tempo, a caça consistia em abater duas ou três peças e já chegava para o almoço do dia seguinte. Não existiam arcas frigoríficas no meio rural e os cartuchos carregavam-se à mão.

Levava-se para caçar uma dezena de cartuchos, apenas um cão e uma espingarda caçadeira de canos justaposto de cães. Eram outros tempos em que os caçadores se contentavam com pouco.

Joaquim António Faustino fez-se caçador com 19 anos e hoje, aos 84 anos, continua a ser um caçador ativo.





Próximo destino: Mealhada

Conhecido pelo bom vinho e pelo leitão, o município da Mealhada tem vários outros atrativos que o tornam um excelente ponto de paragem, mais ou menos prolongada, tanto para quem ruma a sul como a norte.



Roteiros



Iniciamos este roteiro na Mealhada com uma viagem ao passado, mais precisamente até aos anos 80 do século XX, que foram especialmente prodigiosos para caçar naquele concelho do distrito de Aveiro.

Celestino Gameiro, de 74 anos, aposentado, residente na Mealhada, lembra-se bem dos primeiros tempos do Clube da Caça e Pesca da Mealhada. Fundado em meados dos anos 80, “tínhamos mais de 120 sócios e a caça abundava”. “Hoje, somos uns 80, muitos já com idade avançada. Os novos vão aparecendo cada vez menos e as mulheres também. Tínhamos uma jovem que caçava com o pai e o irmão, mas, há meia dúzia de anos, casou e deixou a caça”.

Também a população de espécies venatórias decresceu drasticamente. “Neste concelho, uma das principais espécies era o coelho e, desde que apareceu, há uns anos, a doença do coelho-bravo, a quantidade diminuiu muito”, conta Celestino.

Apesar disso, ainda é possível caçar algum coelho-bravo. Outras das espécies presentes nas sete zonas de caça registadas no Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas são a perdiz, o pombo e o tordo. Há, ainda, a caça maior, como a raposa, o javali e o saca-rabos.



Fator de coesão territorial

Embora a Mealhada não seja um destino cinegético por si, “a caça impacta no concelho em diferentes níveis”, considera o presidente da câmara à revista ALVA.

António Jorge Franco explica que a Mealhada tem uma capacidade de atração de caçadores de outras regiões, que recorrem a hotéis, restaurantes ou a lojas de equipamentos de caça.

Além de relevante a nível económico, o autarca reconhece também que a caça tem uma “importância a nível social”. No seu entender, esta atividade “pode ser um fator de coesão territorial, uma

vez que desempenha um papel importante nas tradições locais e na cultura, proporcionando um sentimento de identidade, de convívio e até de proteção da natureza e aproveitamento de terras outrora cultivadas e atualmente ao abandono”.

Para António Jorge Franco, “é evidente o papel que a caça assume na promoção da biodiversidade, na preservação de habitats e na reintrodução e salvaguarda de espécies ameaçadas”. O autarca defende, no entanto, “uma caça responsável e sustentável, respeitadora dos recursos existentes”.





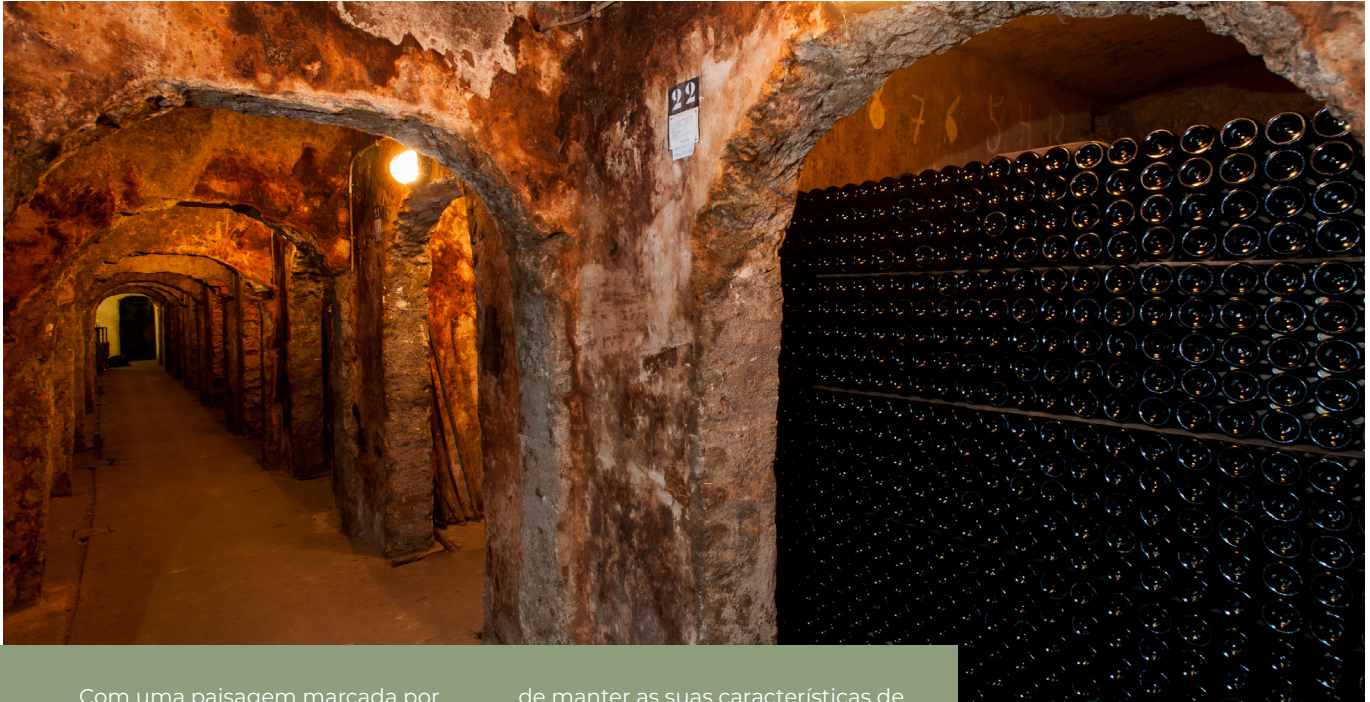
Um visitante mais atento ao meio envolvente

O presidente da autarquia da Mealhada entende que o turismo cinegético “alavanca e valoriza a oferta turística do concelho”, por envolver pessoas que “percorrem o território, em épocas consideradas baixas”. Outra especificidade deste segmento prende-se com o facto de o caçador viajar em grupo, “com tempo e com vontade de conhecer o território, os seus produtos, tradições e cultura”.

Por isso, tem “uma atenção diferenciada sobre os recursos, uma maior preocupação com os habitats e com o meio envolvente, criando oportunidades de negócio e de afirmação do destino, diversificando a oferta”, denota o edil.

Apresenta-se, assim, como um “consumidor de gastronomia e vinhos, dos produtos culturais, dos produtos de natureza e ativo”. “Isso contribuirá para a preservação, a longo prazo, da fauna e da flora, ao mesmo tempo, que atrai turistas preocupados com a conservação”, considera António Jorge Franco.

O QUE VISITAR



Com uma paisagem marcada por **extensas vinhas**, o concelho da Mealhada é um dos principais centros de produção da região vinícola da Bairrada.

Os vinhos da região são encorpados e com predominância das castas consagradas ao longo dos anos: Baga, Touriga Nacional e Syrah. Estagiam em barricas de carvalho e inox, nas adegas de cada um dos produtores bairradinos, com o intuito

de manter as suas características de personalidade única.

Algumas adegas do concelho da Mealhada proporcionam visitas guiadas com degustação. São os casos da **Caves Messias** ou da **Adega Rama**.

O vinho produzido no município é um dos ícones da marca 'As 4 Maravilhas da Mesa da Mealhada'. Os outros são a água, o pão e o leitão.



Do vinho passamos para a água, para falar das **Termas de Luso**, uma histórica estância termal, que foi reabilitada há pouco tempo. O espaço disponibiliza um conjunto de terapias que atuam na prevenção e tratamento de diversas patologias. Quem pretende apenas relaxar pode fazê-lo no spa, seja desfrutando da piscina de hidromassagem, seja aproveitando as diversas opções de massagens.



As Termas de Luso estão rodeadas pela Serra do Bussaco, onde se localiza a **Mata Nacional do Bussaco**, mais um local do concelho da Mealhada que não deixa ninguém indiferente.

Nos seus 105 hectares, encontra-se uma das melhores coleções dendrológicas (plantas lenhosas) da Europa, com cerca de 250 espécies de árvores e arbustos com exemplares notáveis.

Esta é uma das matas de Portugal mais ricas em património natural, arquitetónico e cultural, podendo ser dividida em três unidades de paisagem: Arboreto, Jardins e Vale dos Fetos, e Floresta Relíquia.

A Mata Nacional do Bussaco providencia alimento, abrigo e refúgio para mais de centena e meia de

espécies de vertebrados, algumas de grande valor conservacionista.

O conjunto monumental da Mata Nacional do Bussaco é bastante vasto. Engloba o Palace Hotel do Bussaco, o Convento de Santa Cruz, ermidas de habitação, capelas de devoção e os Passos que compõem a Via Sacra, a Cerca com as Portas, o Museu Militar, bem como o monumento comemorativo da Batalha do Bussaco, os cruzeiros, as fontes, as cisternas e as casas florestais. Destaque, ainda, para os miradouros. O da Cruz Alta oferece vista privilegiada sobre toda a região.

A Mata do Bussaco está classificada como Monumento Nacional desde 2018.



DESTINOS ANTERIORES

Nas primeiras quatro edições, a revista ALVA andou por Mértola, Almeida, Vila do Bispo e Torres Vedras. Fica o convite para descobrir ou redescobrir estes territórios e saber de que forma o setor da caça é vivido em cada um deles.

- ⊕ Para descobrir Mértola, [clique aqui.](#)
- ⊕ Para descobrir Almeida, [clique aqui.](#)
- ⊕ Para descobrir Vila do Bispo, [clique aqui.](#)
- ⊕ Para descobrir Torres Vedras, [clique aqui.](#)

O que é a caça adaptativa e por que é importante praticá-la

O aumento da mortalidade natural de algumas espécies constitui uma das ameaças das alterações climáticas para a fauna cinegética. Por isso, mais do que nunca, importa praticar uma caça adaptativa, adotando cuidados que permitam evitar efeitos ainda mais negativos.



Os principais impactos das alterações climáticas para a fauna cinegética incidem em possíveis mudanças na fenologia ou comportamento migratório, no aumento da taxa de mortalidade natural, devido ao aumento de fenómenos extremos, bem como em desfasamentos dos ciclos reprodutivos, entre outros.

Caso estes efeitos persistam, conduzirá a uma diminuição da capacidade de suporte do meio natural, promovendo genericamente uma diminuição das populações e, em simultâneo, a uma redução da pressão cinegética. O que, em última análise, levará a uma redução desta atividade.

É por isso que a caça adaptativa se revela cada vez mais importante. A caça adaptativa consiste em ajustar a exploração cinegética à situação populacional e fenologia das espécies cinegéticas. A fenologia é o ramo da biologia que estuda de que maneira fenómenos sazonais e cíclicos, como a floração, a migração e o acasalamento, podem ser afetados pelos climas e outros fatores do meio ambiente.

Uma caça sustentável, por sua vez, utiliza a caça como recurso natural, de um modo e a um ritmo que assegure a preservação das espécies e não conduza a uma diminuição a longo prazo da diversidade biológica.

Estes dois conceitos estão interligados, na medida em que o aproveitamento sustentável dos recursos cinegéticos obriga à sua

exploração de forma racional e adaptativa, e não apenas como uma atividade exclusivamente extrativa, regulada pelo mercado da lei da oferta e da procura.

Ou seja, quem pratica uma caça adaptativa aproveita os recursos naturais de maneira ética, responsável e respeitando os ecossistemas, sob o compromisso

de manter e aumentar os recursos naturais que encontra.

Assim, todas as entidades relacionadas com a atividade cinegética, seja de cariz particular, coletivo ou associativo, devem exercer e exigir que o ato cinegético e as suas atividades conexas sejam exercidas de forma responsável e ética.

Que medidas podem contribuir para uma caça sustentável?

Há várias medidas que devem ser adotadas no exercício da caça, para que esta seja sustentável e eticamente responsável, nomeadamente:

- ⊕ Ter em consideração a fenologia de cada espécie, cumprindo as limitações e regras para o exercício da caça, pois estas destinam-se a respeitar os ritmos biológicos e a garantir as necessidades ecológicas das espécies e dos seus habitats.
- ⊕ Cuidar do ordenamento das zonas de caça, durante todo o ano, e não apenas na época de caça. Atualmente, a fauna silvestre necessita de ser ajudada durante todo o ano.
- ⊕ Evitar o foco exclusivo nas características fenotípicas como critério de seleção de exemplares para repovoamento cinegético.
- ⊕ Reintroduzir apenas espécies cinegéticas constantes na lista de espécies nativas, de acordo com as diretrizes estabelecidas pela União Internacional da Conservação da Natureza (IUCN) para a reintrodução de espécies. Não devem ser introduzidas espécies exóticas nas zonas de caça.
- ⊕ Ter em conta as flutuações sazonais na disponibilidade de elementos do habitat, tais como zonas de abrigo e alimentação.
- ⊕ Evitar caçar quando as condições facilitam a captura ou quando não correspondem ao exercício ético da caça.
- ⊕ Contribuir para a sobrevivência dos animais silvestres na ocorrência de circunstâncias anormais, evitando caçá-los mesmo que o período venatório se encontre em vigor (exemplos: surtos infecciosos, nevões fortes, secas prolongadas e incêndios).
- ⊕ Controlar o número de espécimes abatidas.
- ⊕ Apoiar e cumprir os planos de exploração e ordenamento da sua zona de caça.
- ⊕ Não utilizar processos e meios de caça desleais ou não seletivos, pois, além ser ilegal, coloca em risco a preservação das espécies e o futuro da atividade cinegética.
- ⊕ Ser proativo, denunciando às autoridades as ações de caça furtiva ou ilegal.
- ⊕ Evitar perturbações desnecessárias na época de reprodução dos animais silvestres.
- ⊕ Contribuir para o aumento do conhecimento da dinâmica das populações e a facilitar a sua monitorização, colaborando na recolha de dados sobre as espécies cinegéticas.

De que modo uma gestão cinegética não adaptativa prejudica a biodiversidade?

A caça e a gestão cinegética não adaptativas podem causar supressões significativas dos efetivos silvestres. Por caça e gestão cinegética não adaptativas entendem-se aquelas que não atendem à produtividade das populações e/ou que desconsideram a necessidade de se manter uma adequada estrutura e composição das comunidades (rácios macho/fêmea, equilíbrio entre grupos de classes etárias e diversidade biológica).

As más práticas de gestão, as práticas facilitadoras para aumentar estatísticas de abate, o desrespeito pelos ciclos biológicos, o incumprimento da duração das jornadas e dos limites de abate, e os furtos resultam numa caça desproporcional e desrespeitam a produtividade natural das espécies e dos ecossistemas.

Fontes:

1. Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas
2. Centro de Competências para o Estudo, Gestão e Sustentabilidade das Espécies Cinegéticas e Biodiversidade





Para Mário Tomé, a “Feira da Caça de Mértola é uma forma de agradecer aos milhares de caçadores que visitam o concelho”

A 14.^a Feira da Caça de Mértola realizou-se entre 20 e 22 de outubro, com um parque exterior ampliado. A receptividade dos visitantes a esta e a outras novidades foi “fantástica”, conta o presidente da autarquia à revista ALVA.

É sempre com muita expectativa que os vários agentes do setor aguardam a Feira da Caça de Mértola. Este ano, as expectativas eram ainda mais elevadas, devido às várias alterações implementadas pela organização, a cargo da autarquia local.

Uma dessas alterações prendeu-se com a ampliação do parque exterior, que dá acesso à entrada do Pavilhão Multiusos de Mértola. “É um espaço sempre muito apreciado pelos visitantes”, observa o presidente da câmara, Mário Tomé, em entrevista à revista ALVA.

Outro dos locais que “gerou uma excelente reação dos visitantes foi a exposição de um ecossistema cinegético em tamanho real, criado com materiais reciclados, que permitia aos visitantes apreciar veados, javalis, gamos e outras espécies cinegéticas e ouvir os sons únicos emitidos por estas espécies”.

As várias exposições de fauna viva, que incluíam um lago com uma ponte em madeira e que permitiam apreciar algumas espécies piscícolas e patos-bravos, também tiveram “uma aceitação muito boa”, indica o autarca.



Uma aposta na diferença



No entender de Mário Tomé, “tentar inovar e melhorar o certame em relação à edição anterior” são os maiores desafios de organizar um evento como este.

“Sabemos que se cairmos no erro de fazer igual só porque o feedback da edição anterior foi muito positivo, corremos o risco de eliminar a curiosidade que sabemos que conseguimos despertar sempre no visitante”.

Por isso, “preferimos arriscar todos os anos com novas atividades e experiências para os visitantes, com constantes alterações ao parque exterior, para proporcionar precisamente uma experiência diferente a quem nos visita”.

Mário Tomé sublinha, ainda, que “não queremos ser melhores que os outros certames, queremos ser diferentes, porque Mértola — Capital da Caça tem uma identidade muito própria e próxima com este setor”.

Com a Feira da Caça, a Câmara de Mértola “pretende marcar uma posição muito forte na procura de soluções para muitos problemas que o setor atravessa”.

Por outro lado, esta é “quase uma forma que Mértola tem de acarinhar e agradecer aos milhares de caçadores que visitam, época após época, as nossas zonas de caça”.



Certame atrai cada vez mais espanhóis

Este ano, a Feira da Caça de Mértola contou com a presença de 102 expositores, mais do que a edição anterior, e a visita de aproximadamente 20 mil pessoas, vindas de várias partes do país e também da vizinha Espanha.

“Devido às províncias raianas terem um forte identificação com o setor da caça e também porque tivemos expositores espanhóis e animação musical de Espanha, a visitação de visitantes espanhóis é cada vez mais notória”, indica Mário Tomé à revista ALVA.



MÉRTOLA

Capital Nacional da Caça



MÉRTOLA
capital nacional da caça

Feira da Perdiz de Martim Longo serviu, mais uma vez, de ponto de encontro para muitos entusiastas da caça



O concelho de Alcoutim recebeu, durante dois dias, várias atividades de promoção do setor cinegético, bem como de consciencialização para a prática de uma caça sustentável.

Realizou-se, nos dias 11 e 12 de novembro, a XIV Feira da Perdiz de Martim Longo, "um evento de grande relevância para a comunidade local e para a atração de novos caçadores", realça a autarquia de Alcoutim à revista ALVA.

Quem visitou o recinto do certame pôde contactar com várias

empresas e associações do setor ali representadas, ver exposições de espécies cinegéticas, assistir a seminários, bem como provar iguarias regionais.

Como já é habitual, não faltaram igualmente iniciativas ao ar livre. Além da Prova de Santo Huberto, a contar para o Campeonato Nacional,

teve lugar a Taça de Portugal de Cães de Parar, uma Largada de Perdizes e o XIV Concurso Canino de Alcoutim.

A música popular também animou os visitantes, tendo havido concertos a cargo de Rosinha e dos grupos 'De Moda em Moda', 'Volta e Meia' e 'Água Ardente'.



Iniciativa relevante para a dinamização do setor

A Câmara de Alcoutim considera que esta “feira é um ponto de encontro anual para os entusiastas da caça, proporcionando uma plataforma para a promoção e valorização das tradições cinegéticas locais. Ao destacar as práticas de caça sustentáveis, a Feira da Perdiz contribui para a preservação das espécies e para a consciencialização sobre a importância da gestão adequada da fauna”.

Eventos como este “desempenham um papel crucial na atração de novos caçadores, fornecendo oportunidades para que os interessados conheçam de perto a cultura, as técnicas e os valores associados à caça. Isso não só fortalece a comunidade já existente de caçadores, mas também pode inspirar uma nova geração de adeptos, promovendo uma abordagem responsável e ética à prática da caça”, realça a autarquia alcouteneja.



Um evento desafiante

Segundo o Município de Alcoutim, “organizar um evento desta magnitude envolve diversos desafios”, não só ao nível de logística e de promoção, mas também ao nível da segurança e da sustentabilidade.

É importante “implementar medidas de segurança adequadas para garantir o bem-estar de todos os participantes” e “assegurar que o evento seja sustentável e respeite o meio ambiente”.

Para a autarquia liderada por Osvaldo Gonçalves, a participação comunitária também constitui um dos desafios, algo que passa por “promover a colaboração entre entidades públicas, privadas e a população em geral”.







Gastronomia é tema central da próxima Feira de Caça, Pesca e Desenvolvimento Rural de Vilar Formoso



Todos os anos, em fevereiro, Vilar Formoso costuma encher-se de pessoas oriundas tanto de Portugal como de Espanha, interessadas em conhecer os produtos e cultura daquela região fronteiriça.

A 15.ª Feira de Caça, Pesca e Desenvolvimento Rural de Vilar Formoso realiza-se entre os dias 2 e 4 de fevereiro de 2024, com a gastronomia como tema central. O evento contará com a participação de cerca de 100 expositores, provenientes de vários pontos do país.

Do programa farão parte tasquinhas com comida tradicional, demonstrações de cozinha; um concurso de pesca; exposições

relacionadas com a caça, pesca, o mundo rural e produtos agroalimentares; bem como maquinaria, taxidermia, matilhas, animais da quinta, falcoaria. Haverá também espetáculos musicais.

A principal novidade face à edição anterior é o facto de o tema central ser a gastronomia. Desta forma, a organização, a cargo do Município de Almeida, pretende promover a riqueza e diversidade gastronómica

da região, com destaque para os produtos endógenos, como o cabrito, o borrego, o mel, o vinho e o azeite.

Este é um certame importante para a economia local, atraindo milhares de visitantes de todo o país e da vizinha Espanha. É também uma oportunidade para promover os produtos e a cultura daquela região fronteiriça.

Seleção portuguesa conquista medalha de bronze no IX Campeonato do Mundo de FAN32



O Campeonato do Mundo de FAN32 realizou-se pela primeira vez no Brasil, entre os dias 31 de outubro e 5 de novembro, tendo contado com a participação de 373 atletas.





Ricardo Colaço, Filipe Martins e Marco Reis trouxeram uma medalha de bronze para Portugal, ao alcançarem o terceiro lugar na categoria de equipas do IX Campeonato do Mundo de FAN32, uma competição anual de tiro às hélices.

Os atletas, que estiveram em representação da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses, conseguiram 52 pontos em 60. À sua frente, com uma diferença de apenas 1 ponto, ficou a Argentina. A equipa vencedora foi a do Brasil, que obteve 55 pontos.

O Campeonato do Mundo de FAN32 é disputado em três categorias: individual, equipas e misto. A competição foi organizada pela Confederação Brasileira de Caça e Tiro, tendo sido realizada em Piraquara, na Região Metropolitana de Curitiba.

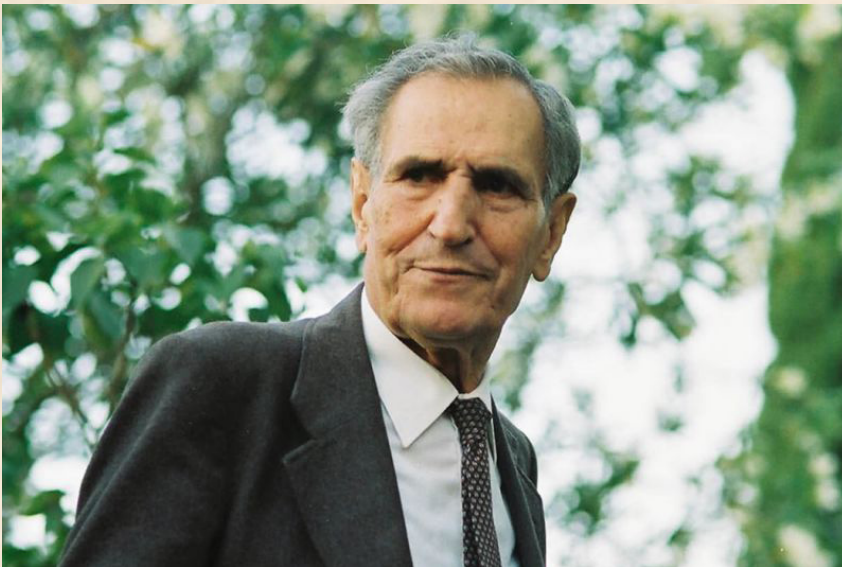


A FAN32 é uma modalidade de tiro da FEDECAT - Conselho Mundial de Federações Desportivas de Caça e Tiro. Esta modalidade consiste em atirar em discos de plástico (hélices) em movimento. As hélices são lançadas de forma automática por uma de 5 máquinas e o atirador não sabe de qual delas sai a hélice.

A Confederação Nacional de Caçadores Portugueses congratula-se pelo excelente resultado alcançado, nesta competição mundial, por Ricardo Colaço, residente em Faro; Filipe Martins, residente em Olhão; e Marco Reis, natural de Macedo de Cavaleiros, mas radicado no Brasil há já vários anos.

“Perdi-me em Portugal e procuro-me nele”

Sabe ou lembra-se como era Portugal há sete décadas? Uma boa forma de descobrir como eram esses tempos ou de recordá-los é através da obra de Miguel Torga, o autor da frase verdadeiramente inspiradora que dá título a este texto.



Miguel Torga, pseudónimo de Adolfo Correia da Rocha, foi um dos mais importantes escritores portugueses do século XX.

Nascido em 1907, na aldeia de São Martinho da Anta, no distrito de Viseu, Torga teve uma formação multifacetada. Estudou Medicina, mas também se dedicou à escrita, à tradução, ao jornalismo e à política.

Publicou mais de 50 obras, nas quais abordou temas como a natureza, a religião, a guerra, o amor e a identidade portuguesa. O último trabalho de Miguel Torga foi publicado em 1993, dois anos antes do seu falecimento.

Profundamente ligado a Portugal, Miguel Torga amava a sua terra e a sua gente, mas também era crítico dos seus defeitos. Sentia que Portugal era um país atrasado e conservador, que vivia agarrado às glórias do passado.

Este sentimento ambivalente é evidente no documentário ‘Miguel Torga, o meu Portugal’, que pode ser visto no website da RTP. Este documentário conduz o espetador numa viagem pelo país, a partir dos textos de Torga. Através das suas palavras, conhecemos a beleza da natureza portuguesa, mas também os problemas sociais e políticos que o país atravessava na década de 50.

O documentário é narrado pelo ator Sinde Filipe. A recriação visual é assegurada pelo também ator José Pinto. O documentário conta igualmente com os depoimentos de vários pensadores portugueses, nomeadamente de Eduardo Lourenço e António Barreto, os quais foram amigos de Torga.

‘Miguel Torga, o meu Portugal’ é um documentário fundamental para quem quer conhecer melhor a obra e o pensamento deste importante escritor português, mas não só. Com este filme, também é possível fazer uma retrospectiva de como Portugal era há sete décadas.

Para ver, [clique aqui](#).



Pato no forno com marmelos

por: Chefe Paulo Mendonça, do restaurante Beira Mar, Cascais

Ingredientes (para 4 pessoas)

4 marmelos grandes

2 patos-reais

1 dl de azeite

50 g de manteiga

1 cebola, em rodelas finas

1 folha de louro

2 hastes de alecrim

2,5 dl de vinho branco

raspa de 1 laranja

Para os marmelos assados

4 marmelos

sumo de 1 limão

1 l de água

2 dl de sumo de lima

75 g de açúcar

2 paus de canela

Preparação

Descasque os marmelos e corte-os em quartos ou em gomos grossos. Num tacho grande, ferva água e dê uma breve cozedura aos marmelos, durante cerca de 5 minutos. Escorra muito bem.

Seque bem os patos com papel de cozinha. Tempere-os por dentro e fora com sal e pimenta-preta. Pré-aqueça o forno a 180 °C.

Numa frigideira funda e grande, aqueça o azeite e a manteiga. Em lume médio, aloure um pato de cada vez, começando pelo lado oposto ao do peito, e repetindo esta operação com as partes laterais e com o peito.

Transfira os sucos da frigideira para um tabuleiro de forno e espalhe a cebola, a folha de louro e o alecrim. Encha as cavidades dos patos com alguns gomos de marmelo, reservando os restantes. Coloque os patos no tabuleiro, com o lado dos peitos virados

para cima, e leve ao forno aquecido durante 30 minutos.

Ao fim de 20 minutos, regue com vinho branco e junte a raspa de laranja. Aumente a temperatura do forno para 220 °C e deixe tostar a pele dos patos durante 10 minutos, mas vigiando sempre, para não queimar e regando os patos de vez em quando. Para saber se a carne está cozida, introduza a ponta afiada de uma faca na parte mais espessa do peito: os líquidos devem sair transparentes. O desejável é que os peitos do pato fiquem rosados.

Retire do forno e deixe repousar 5 minutos antes de servir.

Em simultâneo, faça os marmelos num outro tabuleiro. Comece por cortar os marmelos no sentido do comprimento e retire-lhes a parte dos caroços com uma faca pequena. Cubra as metades dos marmelos

com o sumo de limão, a fim de não escurecerem.

Num tacho, misture água, o sumo de lima, o açúcar e os paus de canela. Disponha as metades dos marmelos, com a parte cortada virada para cima, e leve ao lume, durante cerca de 15 minutos, ou até ficarem macios.

Pré-aqueça o forno a 220 °C. Retire os marmelos, mas reserve a calda. Unte o tabuleiro do forno com óleo vegetal, disponha os marmelos escorridos com a parte cortada para cima e regue com a calda.

Quando os marmelos estiverem dourados, retire-os do forno e sirva-os com o pato.

Fonte: Livro 'A Caça em Portugal - Sustentabilidade e Gastronomia', de Fátima Moura



© Mário Cerdeira

Com muito sabor

Perdiz do mato frita

por: Chefe Luís Santos, restaurante Mato à Vista, Albufeira



Ingredientes (para 2 pessoas)

1 perdiz	20 ml de vinho branco
50 ml de azeite	10 ml de vinagre de vinho branco
50 g de banha de porco	Sal grosso q.b.
50 de alho roxo seco pequeno	Pimenta-branca moída q.b.
2 folhas de louro	Pimentão-doce q.b.
60 ml de brandy	Alecrim, salsa e tomate-cereja para decorar
60 ml de vinho tinto	



Preparação

Comece por depenar e limpar a perdiz. Depois, corte em pedaços pequenos. Tempere com um fio de azeite, o dente de alho esmagado, as folhas de louro, sal, pimenta, pimentão-doce, $\frac{1}{4}$ do brandy e $\frac{1}{4}$ do vinho tinto. Deixe marinar durante 12 a 14 horas.

Passado esse tempo, coloque a banha e o resto do azeite, numa frigideira. Assim que a gordura esteja quente, frite a perdiz, em lume brando. Quando ganhar coloração de fritura, junte os dentes de alho e o louro. Deixe fritar mais uns 5 a 6 minutos.

Aumente o lume, flambeie com o brandy, refresque com o vinho tinto. Depois, deixe cremar com o vinho branco e o vinagre. Deixe apurar e retifique o sal, se necessário.

Uma vez confeccionada, pode decorar a perdiz com salsa, alecrim e tomate-cereja. Como acompanhamento, sugere-se batata frita caseira.

Coelho-bravo frito

por: *Chefe Vítor Palmilha, restaurante Mercearia do Fanqueiro, Santo Antão do Tojal*

Ingredientes

(para 3 a 4 pessoas
consoante o
tamanho do coelho)

1 coelho-bravo

8 dentes de alho

200 ml de whisky novo

Azeite q.b.

Banha de porco

100 ml de cerveja

Louro





Preparação

Esfole o coelho e parta em bocados pequenos pelas articulações. Tempere com alho, sal e louro.

Numa frigideira, aqueça o azeite sem o deixar ferver e coloque o coelho até corar.

Depois de selado, coloque os alhos esmagados e o louro. Tape a frigideira.

Quando o coelho estiver tenro, retire a tampa e coloque a banha. Quando a banha estiver completamente

derretida, coloque a cerveja e o whisky, aumente o fogo e deixe reduzir o molho.

Sirva de imediato.



Boas Festas

A Confederação Nacional dos Caçadores
Portugueses deseja-lhe um Santo Natal e um
Próspero Ano Novo!

